

O MUNDO MATADOURO: SOBRE *ONDE PASTAM OS MINOTAUROS*, DE JOCA REINERS TERRON

[SLAUGHTERHOUSE WORLD
ON THE NOVEL *ONDE PASTAM OS MINOTAUROS*, BY JOCA REINERS TERRON]

IVONE DARÉ RABELLOⁱ

<https://orcid.org/0000-0003-0329-7279>

Universidade de São Paulo – São Paulo, SP, Brasil

Resumo: No romance *Onde pastam os minotauros*, de Joca Reiners Terron, o matadouro é o espaço no qual se revelam as iniquidades do trabalho submetido à exploração sem peias. No paralelo entre homens e animais, trabalhadores e bois conduzidos ao abate se assemelham. No diagnóstico da realidade social contemporânea empreendido pela representação narrativa, em que se mesclam realismo, hiper-realismo e elementos do maravilhoso, não há perspectivas de transformação. O mundo social se tornou matadouro.

Palavras-chave: romance; forma literária e processo social; representação do trabalho; realismo, hiper-realismo e gênero maravilhoso

Abstract: In the novel *Onde pastam os minotauros*, by Joca Reiners Terron, the slaughterhouse is the space in which are revealed the inequities of work subjected to unrestrained exploitation. In the parallel between men and animals, workers and oxen led to slaughter are similar. In the diagnosis of contemporary social reality undertaken by narrative representation, in which realism, hyper-realism and elements of the marvellous are mixed, there are no prospects for transformation. The social world becomes a slaughterhouse.

Keywords: novel; literary form and social process; representation of work; realism, hyperrealism and magical realism

Os enredos de suspense, tal como se propagaram na indústria do entretenimento, tendem a provocar o interesse do leitor por meio do artifício da temporalidade não linear, de maneira que as peças do enigma, desde o início, são lançadas como charadas a serem decifradas à medida que se avança a leitura. Quase sempre o resultado se limita a essa decifração, quando o leitor goza do prazer de prevê-la ou de surpreender-se. A técnica, que tende a se valer de fragmentos para o ir e vir da organização da composição, bem como de diferentes pontos de vista que organizam o enredo, agrada e vende. Há algo do pastiche nisso: a impossibilidade de narrar dos tempos contemporâneos, que pôs em causa o princípio da objetividade do narrador, acaba por servir ao mercado.

Em *Onde pastam os minotauros* (Terron, 2023), é dessa técnica que se vale Joca Reiners Terron para obter o efeito do suspense¹. Organizado em capítulos relativamente curtos, o enredo, desde o segundo capítulo, aponta para um objeto misterioso (um saco plástico preto) cuja função só aos poucos vai se tornando elemento essencial da trama, junto a outras pistas que se somam e compõem o *puzzle* que instiga à decifração. No entanto, a quebra da linearidade temporal, com avanços e recuos por vezes enigmáticos, não se limita a incitar o suspense, dado que os componentes da composição atuam em relações de interdependência de difícil apreensão imediata e que, em vez de apenas desvendar o enigma, redimensionam-no e ampliam-lhe o significado, numa dimensão poucas vezes presente na literatura contemporânea.

É assim que a função da literatura, nesse caso, pretende aliar o entretenimento (com o suspense ao gosto do público) e o desafio da investigação sobre aspectos da contemporaneidade. A junção de ambos os aspectos dá o que pensar em tempos em que a literatura ocupa lugar menor na apreensão mais geral do mundo. Como se depreende, é grande e fecunda a ambição do romance de Terron; por isso mesmo, pode-se e deve-se relevar excessos na composição, ainda que apontá-los seja necessário.

Em meio ao enredo realista um pouco rocambolesco, e nem sempre crível, bem como às intervenções do maravilhoso, surgem aspectos da vida contemporânea que não se limitam a figurar apenas elementos particulares ao ambiente em que se concentra a

¹ Os livros imediatamente anteriores do autor tendem a apresentar o mundo distópico da atualidade sob o signo do estranhamento e também se valendo da não linearidade do enredo para engendrar interesse e suspense (*A morte e o meteoro*, 2019, e *O riso dos ratos*, 2021).

trama, mas a articulá-los ao sistema global². Focalizando trabalhadores espoliados e miseráveis no espaço de um matadouro, o romance ambiciona revelar a dinâmica do capitalismo em fim de linha, com o desmanche do trabalho salarial normatizado, as relações entre produção local e mercado internacional, a devastação da natureza.

Para tanto, a trama se organiza ao longo de um dia, desde a madrugada até a meia-noite da última segunda feira útil do ano. Sua ambientação central é o matadouro CRS, sigla composta das iniciais do nome do distrito onde ele se localiza, em Mato Grosso. Embora o enredo seja ficcional, não há como deixar de relacionar o abatedouro ao empreendimento dos irmãos Batista³ e ao desenvolvimento econômico de Mato Grosso do Sul e de Goiás — regiões pouco presentes na representação literária contemporânea da realidade brasileira e que ocupam lugar significativo no mercado mundial em função da exportação de carne⁴ e de soja⁵.

Na trama, a região próxima a Dourados já está devastada pela cultura da soja, cuja produção com tecnologia de ponta inclui colhedoras que dispensam parte do trabalho humano, e pela presença do matadouro, que concentra o pouco que resta dos trabalhadores assalariados. O campo, antes fértil, tornou-se árido; o rio São Lourenço já não existe. Parte da população que ainda permanece no distrito por falta de opções em outras cidades está desempregada; outra parte passou a ter empregos temporários, sem direitos trabalhistas, desde que o matadouro resolveu expandir suas atividades produzindo carnes halal para exportação, o que exige abatedores muçulmanos⁶. No momento em que os fatos

² Na literatura contemporânea, têm sido frequentes os enredos que se concentram em questões identitárias, que, embora pertinentes, acabam por limitar o alcance da interpretação empreendida pela narrativa, exatamente pelo fato de não articularem a questão específica ao contexto contemporâneo da vida social em amplitude.

³ A origem da JBS se dá em Anápolis, em Goiás, com a compra de um açougue, em 1953. O empreendimento cresceu e se internacionalizou. A indicação no romance fica implícita, mas não se refere a aspectos específicos da JBS, embora a empresa seja uma das maiores produtoras de carne de frango halal.

⁴ O Brasil é o principal exportador da carne halal, segundo a Secretaria de Comunicação Social do Ministério da Agricultura e Pecuária (<https://www.gov.br/secom/pt-b>, acesso em: 8 de junho de 2024).

⁵ Além dessa referência, CRS sugere, como menciona Joca Reiners Terron em entrevista a Manuel da Costa Pinto, a sigla toponímica de Curva do Rio Sujo, um lugar imaginário que comparece em alguns de seus romances.

⁶ O abate halal é o único permitido para os muçulmanos e implica regras específicas: 1. O animal deve ser abatido por um muçulmano que tenha atingido a puberdade; ele deve pronunciar o nome de Alá ou recitar uma oração que contenha o nome de Alá durante o abate, com a face do animal voltada para Meca. 2. O animal não deve estar com sede no momento do abate. 3. A faca deve estar bem afiada e não deve ser afiada na frente do animal. 4. O corte deve ser no pescoço em um movimento de meia-lua; deve-se cortar os três principais vasos (jugular, traqueia e esôfago) do pescoço. 5. A morte deve ser rápida para evitar sofrimentos para o animal. 6. O sangue deve ser totalmente retirado da carcaça (<https://www.agrimidia.com.br>, acesso em 5 de junho de 2024).

ficcionais ocorrem, a pandemia de Covid se espalha e mata muitos, até porque setores religiosos propagam o negacionismo. Esse o quadro amplo em que os acontecimentos se desenrolam, mesclando dados objetivos à fabulação ficcional.

O centro da trama envolve três trabalhadores do matadouro: o Cão, o Crente — cujas atividades consistem na preparação para o abate, um como manejador, outro como fiscal dos procedimentos — e Lucy, secretária dos dois patrões, identificados apenas como patrão número um e patrão número dois, sempre em discórdia um com o outro.

O plano anunciado desde o segundo capítulo, com a menção ao saco plástico preto, é engendrado e realizado pelos três trabalhadores. Isso, porém, só se revela quase ao final do romance. Trata-se do roubo do dinheiro que seria destinado ao pagamento dos funcionários, mas que os patrões adiarão para depois das festas de final de ano, quando, então, muitos já terão sido demitidos ou dispensados, uma vez que os patrões farão um acordo com empresas que não permitirão trabalhadores brasileiros para o abate kosher. No plano do roubo, não há nenhum impulso que seja motivado pela luta de classes. Trata-se de uma solução individualista. O roubo lhes parece ser a única possibilidade de sair daquele lugar e reinventar a vida, mesmo que não haja muitas esperanças de que isso se realize:

[...] o Crente pensa para onde todos iriam, que lugar poderia abrigá-los neste mundo. Se saberiam viver em outro canto, onde os quarteirões não estejam repletos de açougueiros afiando suas facas, palitando dentes e lamentando o tempo que passa, levando a realidade para uma parte mais instável em que não conseguem mais sobreviver e resta apenas a dor de continuar sem propósito (Terron, 2023, p. 139).

Mas o plano se amplia, uma vez que, naquela última segunda feira do ano, os patrões receberão uma comitiva de visitantes composta por um adido para assuntos militares pertencente ao corpo diplomático de Israel, o representante comercial e o *sochet*, o abatedor religioso “encarregado de vistoriar o matadouro kosher” (Terron, 2023, p. 161), isto é, a carne considerada adequada para o consumo segundo os preceitos da Torá. No entanto, os abatedores responsáveis que ali atuam são muçulmanos, palestinos, que seguem as regras ditadas pelas escrituras religiosas islâmicas, de maneira a produzir a carne halal. A aparente incongruência — ao se reunirem modelos de alimentação segundo leis do judaísmo e do Islã — nada significa para o capital, que supera aparentes contradições e a tudo devora em nome do lucro:

[...] está a par de que o matadouro que visitaremos já beneficia carne para os árabes, diz o representante comercial, não está.

Estou, diz o adido, como a maioria dos matadouros deste país.

Diferentemente dos outros, porém, que dividem as distintas operações por sazonalidade, diz o representante, um mês halal, outro kosher, o diretor do CRS nos oferece acomodações separadas de modo a produzir o ano inteiro (Terron, 2023, p. 109–110).

Ocorre, porém, que dias antes dessas negociações, tinha havido “um massacre de colonos palestinos cometido pelo exército israelense na comunidade de Sheikh Jarrah em Jerusalém Oriental” (Terron, 2023, p. 124), em revide ao fato de uma palestina ter *tentado* esfaquear um comerciante judeu porque ele se instalara num terreno ocupado pela família dela (Terron, 2023, p. 128). Amplamente divulgado pelo noticiário televisivo a que Cão e Lucy assistem, o debate sobre o fato aponta para a desproporcionalidade do revide: os soldados israelenses dizimaram a família inteira em função da tentativa de ataque. O âncora do programa comenta: “Isso não é bom para a imagem do país perante a comunidade internacional, [...], a repercussão da política interna do atual governo não é das melhores” (p. 129). Para o especialista em relações internacionais, contudo, o que importa é que “o terreno está livre”, e o israelense ameaçado continuará a plantar no terreno ocupado por ele (Terron, 2023, p. 129). A dimensão internacional dos conflitos acaba por repercutir no matadouro de Mato Grosso, pois a família dizimada era a de Ahmed, o abatedor muçulmano responsável pela carne halal. O palestino viera ao Brasil na esperança de trazer os seus para cá; o massacre destruiu seu sonho. Por isso, ele se mostrava abatido e, por isso, também, o plano se amplia. O Cão consegue contatá-lo e com ele estabelecer um trato, cujos termos só são revelados ao final da trama: a visita daquele comitê israelense permitirá a Ahmed e aos outros muçulmanos se vingarem da arbitrariedade perpetrada em Sheikh Jarrah.

Diante da falta de perspectivas do Cão, do Crente e de Lucy de permanecerem naquele lugar sem saída e diante do horror praticado contra os familiares palestinos de Ahmed, o plano de fato será executado, com a destruição do matadouro e a morte de toda a comitiva israelense, mas, ao final, nada se alterará na vida do capital — mesmo que haja prejuízos significativos para seus detentores locais — e nada mudará para quem esperava algo novo:

[...] o Crente percebe que talvez não exista uma saída, a não ser continuar dando voltas. [...]
e

continuar a viver,
e que o

mundo é
um lugar imperfeito,
um lugar que ainda
está sendo lentamente
construído e que,
talvez,
quando ficar pronto,
se algum dia ficar pronto,
se torne um
pouco mais
[...] (Terron, 2023, p. 178–179).

ao que se segue uma série de reticências, dispostas em forma circular, até que, depois de uma página, apareça, no centro do círculo formado pelos sinais gráficos, a palavra “justo”, encerrando o romance (Terron, 2023, p. 181).

Essa, em linhas gerais, é a trama de suspense que vai sendo apresentada em fragmentos que ora retroagem à madrugada da segunda-feira, ora vão avançando nesse dia, desde as 5h26 minutos até a meia-noite, quando tudo se consuma. Mas, entremeando esse decurso temporal, surgem recuos, que vão desde o Império Romano, em 140 A.D., quando se realiza o Taurobolium — sacrifício para salvar o imperador moribundo —, numa época em que o animal tem valor sagrado, até tempos mais recentes. Nesses recuos, a história do matadouro é revelada, evidenciando o butim e a falta de saída de pequenos produtores: 183 anos antes, o antepassado dos patrões, seu trisavô, ocupa as terras que se tornarão o lugar futuro do matadouro; 97 anos antes, em 1924, durante a Coluna Prestes, o bisavô do Crente tem de fugir depois de seus bois serem mortos; 35 anos antes, jagunços impedem a festa do Touro branco e invadem o curral do tio do Crente, matando alguns de seus animais e comprando o pequeno açougue. A esses recuos, que configuram como a riqueza se acumulou, soma-se a história do Cão: um ano antes, ele sai da Penitenciária de Dourados, depois de quatro anos encarcerado em virtude do tráfico de drogas; um mês antes, desenterra a escavadeira no leito seco do rio; uma semana antes, desenterra um saco de lona e o entrega para uma amiga de Lucy, pedindo-lhe que o dê a ela; finalmente, um dia antes, o Cão dá o saco plástico ao Crente — aquele mesmo que será o primeiro índice do suspense, no segundo capítulo do romance.

Como se vê, o enredo, nesse vaivém, contém excessos, alguns a serviço da montagem da trama de suspense, outros na tentativa de composição de um amplo arco histórico, que inclui especialmente a exploração da natureza e a voracidade do capital, outros, ainda, para articular as misérias da vida do trabalhador esbulhado pela avidez do

lucro. Tais excessos, embora problemáticos, são também sintomas de um momento histórico, econômica e socialmente, de tal grau de complexidade que, para ser representado narrativamente, necessita de muitos recursos que atem os fios da inter-relação entre acumulação primitiva, espoliação do trabalhador, falta de saídas num horizonte achatado em que expectativas de transformação já não existem e as formas globalizadas da acumulação do capital. O que sobra, na perspectiva autoral, é uma luta de morte — cujo centro simbólico é o matadouro.

Tal interpretação se torna mais convincente se se considerar a presença de uma outra voz no romance, assinalada graficamente como diversa e que pode olhar para a história dos homens e desvendar-lhe a falta de sentido. Trata-se da voz dos bois, que surge no primeiro capítulo do romance: os bois olham para os homens⁷ e narram o trajeto dos trabalhadores do matadouro, no seu dia a dia nos “subúrbios da morte”, quando também se deixa ver a devastação do lugar e a condição dos miseráveis, desempregados em razão devido às condições para a produção de carne que atenda aos interesses do mercado de exportação.

Ao apresentar esse ponto de vista que provoca estranhamento, a rotina dos trabalhadores se revela em sua falta de sentido e na desumanização de suas condições de vida:

Dia após dia eles entram nos subúrbios da morte e só saem de lá quando escurece, de volta para o lugar onde vivem. Viajam dezenas de quilômetros todas as manhãs apenas para chegar ao matadouro a que chamam trabalho [...] / A noite paira sobre todas as coisas, ao surgir do ônibus na estrada de terra entre manguieirais, acima de todos os seres, que escalam a boleia sem cumprimentar o motorista ainda perdido no marasmo noturno. [...] / No escuro do corredor são todos indistinguíveis. O silêncio entre os assentos só é embargado pelos roncões e pela tosse [...] logo estão a caminho da matança, ou daquilo que insistem em chamar de emprego, serviço, ganha-pão [...] (Terron, 2023, p. 11)⁸.

Na narração dos bois sobre o momento da chegada ao local de trabalho, também se dá a ver a situação dos desempregados que caminham em direção ao matadouro; mais à frente do romance se revelará que esse movimento os leva ao lado externo dos cercados do estabelecimento à espera dos ossos que lhes serão dados ao final do expediente. Além disso, o entorno do trajeto traz as marcas da miserabilidade e do desespero: “Às vezes [os

⁷ A inspiração é clara: trata-se do poema de Drummond, “Um boi vê os homens”, de *Claro enigma* (1951). Joca Terron reconhece a influência e a indica na entrevista a Manuel da Costa Pinto, em *Entrelinhas* (2023).

⁸ Em todos os capítulos em que são os bois quem observam, narram e comentam, os caracteres são grafados em itálico na edição.

trabalhadores] *passam por taperas nas quais se acumula o ferro-velho, por terrenos de mato onde se amontoam latas e detritos e veem o lume das pipas de crack na escuridão*” (Terron, 2023, p. 12). Os bois sabem que esses homens estão destruídos pela tristeza, uma *“tristeza de quem tem voz mas não pode exprimir nada, e mesmo se pudessem de nada adiantaria, em nada alteraria o rumo das coisas”* (Terron, 2023, p. 12).

Com elementos realistas em meio ao ponto de vista dos bois — que traz o toque do maravilhoso ao romance — a vida cotidiana desses trabalhadores aparece representada. Mas é também na figuração da vida ordinária das personagens por um narrador realista, em 3ª pessoa, que se dão a ver suas condições de uma vida marcada pela miserabilidade. Desse ponto de vista, um dos momentos mais impactantes ocorre quando uma das magarefes rouba dois bifés e os coloca em sua calcinha (Terron, 2023, p. 96); denunciada pela supervisora, é levada pela segurança que, com violência, arranca os bifés, devolve-os à esteira e só então a coloca para fora da empresa (Terron, 2023, p. 118). A magarefe queria apenas alimentar o filho. Sua ousadia e seu crime a tornam mais uma desempregada que passará a esperar os ossos dados ao final do expediente.

Entre homens e mulheres comuns, alguns com menos, outros com mais sorte, ou mais determinação (como é o caso de Lucy, que conseguiu se tornar secretária dos patrões depois de trabalhar em todos os setores do frigorífico e resolver estudar apesar de suas condições materiais) (Terron, 2023, p. 29), outros buscando a religião e descobrindo a mentira do falso consolo dos evangélicos negacionistas (como o Crente, que descobre que sua mulher e sua filha foram contaminadas pela Covid por terem continuado a ir à igreja durante a pandemia, sob a orientação do pastor que promete a proteção divina) e toda a horda dos miseráveis e dos trabalhadores alienados, destaca-se o Cão.

Ele é o homem que, diferentemente de todos os outros, tem uma história que motiva especulações sobre quem de fato é: um santo? um louco? Seu nascimento é uma incógnita, pois fora achado na estrebaria do tio do Crente e, desde criança, mantinha uma relação especial com os animais a ponto de ser ridicularizado por estar sempre com sua “Noivinha”, uma novilha que amava e por quem era amado. Já adulto, torna-se manejador, levando os bois para o brete, mas o faz com tal paciência e delicadeza que os animais confiam nele. Anos antes do dia decisivo em que o plano está sendo executado, percebera que era usado pelos patrões, pois sua maneira de conduzir o gado não criava problemas para a qualidade da carne abatida, uma vez que os bois confiavam cegamente

nele: “seu carinho pelo gado só servia para esse apaziguamento de fundo econômico, que seu amor pelos bichos amaciava a carne deles, aumentando o valor do quilo” (Terron, 2023, p. 66). Por isso se demitira e começara a traficar crack, ainda que se dando conta de que esse comércio “equivalia à mesma troca suja entre vida e morte” que sentira no abatedouro (Terron, 2023, p. 66). Por causa da atividade ilegal é preso e, na prisão, sua percepção e compreensão se alteram. Lá, ele ouve histórias sobre minotauros e lê livros de Temple Grandin⁹ que o ajudarão a entender sua história pessoal e os movimentos naturais dos bois, instrumentalizados nos matadouros. Quatro anos depois, quando solto, volta ao matadouro para trabalhar como manejador, como trabalhador temporário, cômico de que suas habilidades representam uma traição aos animais.

Em conversas com Lucy, sua companheira, o Cão lhe conta o que considera ser a verdadeira história do labirinto. “Dédalo é uma mentira”, diz ele. A verdade é a “história do Minotauro, só que contada do ponto de vista dos bois, continua ele” (Terron, 2023, p. 36). Ele a teria ouvido de um vizinho de cela na prisão: num cocho do curral circular onde bois pastavam, surgiu um menino com cabeça de touro e corpo de criança. Essa aberração foi colocada no labirinto pelo patrão, cuja esposa concebera o filho após ter relações com um touro branco, enviado por um deus. Ocorre que “a cada nove anos, os cidadãos do lugar eram obrigados a enviar sete meninas e sete meninos para serem devorados pelo Minotauro” (Terron, 2023, p. 37). Para evitar novas imolações, surge um abatedor que, auxiliado pela filha do patrão, uma versão de Ariadne do mito grego, penetra nos corredores intrincados do curral e mata o minotauro.

Essa mesma história, com diferente final, é contada também pelos próprios bois, em outro capítulo. Segundo eles, um touro branco viera dos mares para ser sacrificado mas o patrão que o recebeu o preservou, dada a sua beleza. O touro, chamado Alistério, ao ser poupado da morte, foi amado pela patroa, e dessa relação nasceu o filho Alistério. “*Um monstro*”. “*Partes nossas ficaram presas no corpo deles. Parte deles ficaram presas em nosso corpo*” (Terron, 2023, p. 74). Esse filho foi criado com os homens e seu apetite por carne era voraz. Disso decorre a vingança da natureza, pois, de acordo com a versão

⁹ A referência é a Mary Temple Grandin, mulher autista que se tornou psicóloga e zootecnista, e revolucionou práticas para o tratamento de animais em fazendas e abatedouros. Ela desenha currais e corredores redondos, pois o gado tem mais facilidade em andar em círculos, seu comportamento natural, o que favorece o tratamento dado a ele nos abatedouros, pois, não vendo o que há no final do caminho, fica menos assustado, o que não prejudica a qualidade da carne abatida (Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Temple_Grandin, acesso em 7 de junho de 2024).

dos bois, animais como eles não podem matar; nascem para serem mortos. É então que o patrão constrói um curral — chamado por ele de labirinto — em que foi cercado. No entanto, esse Alistério foi só o primeiro dos híbridos. Nos currais, de tempos em tempos, surge um menino que muge uma língua incompreensível e fica sobre duas patas; em sua testa brotam ossos, como chifres. Esses meninos acabam mortos antes de devorarem os bois. Os que não morrem, fogem do curral e passam a ouvir os bois pelo resto da vida. Mas esses minotauros “*não pastam em nenhum lugar. Minotauros são carnívoros*” (p. 75). Aos poucos, a figura do Minotauro, no menino que surge no curral, começa a se associar ao Cão — que entende os animais, mas não é um deles.

Nessa acumulação de dados, a representação brutal do abate dos bois, minuciosamente descrita, desde a saída dos bois do curral até sua transformação em bifes nas prateleiras do supermercado (Terron, 2023, p. 19–21; p. 30–35; p. 77–80), pode ser aproximada da cena em que Franz Biberkopf, protagonista do romance de Alfred Döblin, *Berlim Alexanderplatz* (de 1929), vai a um matadouro e ali se descreve com minúcias realistas o sacrifício dos animais. Na similaridade possível de ser entrevista com o romance de Döblin, parece estar o ambicioso projeto de Terron: na montagem de vozes, o destino dos trabalhadores é análogo ao destino dos animais; em tempos de fim de linha, nada garante a sobrevivência digna, sempre ameaçada pelo desemprego, pela informalidade no trabalho, pela falta de direitos. O campo de batalhas contemporâneo está na luta pela existência¹⁰.

Além disso, a essa trama que elege o matadouro como o lugar por excelência do sacrifício e o associa ao destino dos trabalhadores, não apenas surge o fantástico (com a presença dos meninos-touro), como também se contrapõem as vozes dos bois, que surgem em momentos aparentemente aleatórios no ir e vir do romance. Para eles, cuja vida parece seguir sempre uma mesma rota — desde que não sejam objeto da produção da mercadoria “carne” —, os homens são incompreensíveis:

correm de um lado para outro, [...] e embarcam em gigantescos objetos abaulados e brilhantes, ônibus, navios e aviões [...]. Quando chegam a lugares distantes, se veem novamente infelizes, e sentem ganas de voltar ao ponto de onde partiram [...]. Ao contrário de nós [...] eles conhecem a fome, e às vezes se trata da única verdade que conhecem ao longo de toda a existência. Nunca compreenderemos o fato de alguns terem o que comer e outros não.

¹⁰ No romance de Döblin, o destino dos animais revela analogias com o destino dos soldados enviados aos campos de batalha na Primeira Guerra.

[...] já não acham alimento no chão nem nas árvores, ou, se o encontram, não serve a eles, apenas a alguns, poucos, os donos da terra onde a comida brota, donos dos celeiros onde é acumulada, donos também do tempo que se esvai (Terron, 2023, p. 46).

É da perspectiva do boi que a organização social dos homens é considerada em sua irracionalidade e infelicidade. Só os Minotauros, os meninos-touro, que continuam a surgir e que são sacrificados por contrariarem sua natureza animal — pois, diferentemente dos bois, comem carne —, podem estabelecer algum contato com a vida bovina

Em todos os lados, nas cidades e no campo, nos supermercados e nas plantações, exceto os santos ou quase santos, as crianças e os idiotas, como esse que nos guia através do curral circular, e portanto estão mais expostos àquilo que dizemos, porque o conhecimento real que eles têm de sua própria miséria deixa o nosso abate quase intolerável, não existe quem nos ouça (Terron, 2023, p. 142, grifo meu).

“*Esse que nos guia*” é o manejador Cão. Ao final de seu plano, o homem enigma, “santo ou louco”, como pensa o Crente, realiza seu desejo: liberta os bois que seguirão em busca de um pasto livre, cumprindo o apelo feito por eles quando o plano se efetiva: “*Lobos de si mesmos, é o que são [os homens]. [...] Não se esqueça de nós, Cão. [...] Abra o curral. Queremos sair*” (Terron, 2023, p. 172). Também liberta Lucy, destinando a ela o dinheiro que acumulara com o tráfico de drogas, de maneira que ela possa reconstruir sua vida, embora sem ele. Liberta o Crente e sua filha, permitindo-lhes que escapem daquele ambiente sem saídas, uma prisão pior que a cela em que vivera por quatro anos. Ao fazê-lo, frustra os desejos do amigo e da companheira, que esperavam estar com ele ao livrarem-se daquela prisão. Ao ficar no curral de contenção, rompido pelos bois, o Cão é baleado e, caído no chão, vê, “agarrados aos touros que escapam, meninos iguais a ele, um menino para cada touro, um touro para cada menino” (Terron, 2023, p. 174). Pisado pelos animais, desaparece na terra, misturado a ela. Só ele e os bois, de fato, ficaram livres. O mundo social e político permanecerá um matadouro. Mesmo que a CRS desapareça, nada de fato se alterará.

Referências bibliográficas

TERRON, Joca Reiners. *Onde pastam os minotauros*. São Paulo: Todavia, 2023.

TERRON, Joca Reiners. *A morte e o meteoro*. São Paulo: Todavia, 2019.

TERRON, Joca Reiners. *O riso dos ratos*. São Paulo: Todavia, 2021.

TERRON, Joca Reiners. Explorando o universo apocalíptico de Joca Reiners Terron. *Entrelinhas* (programa da TV Cultura). Entrevista a Manuel da Costa Pinto em 23 de outubro de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9mGoMiTB5xU>. Acesso em: 8 de jun. 2024.

Recebido em: 09/06/2024

Aceito em: 11/08/2024

ⁱ **Ivone Daré Rabello** é professora sênior do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH/ USP. Autor, entre outros, de *Um canto à margem*. Uma leitura da poética de Cruz e Sousa (São Paulo: Nankin/Edusp, 2006) e *A caminho do encontro*. Uma leitura de Contos Novos (São Paulo: Ateliê, 1999), além de ensaios publicados em revistas acadêmicas e em *A Terra é Redonda*. É coordenadora, junto aos Profs. Edu Teruki Otsuka e Anderson Gonçalves, do grupo Formas culturais e sociais contemporâneas (Capes). **E-mail:** ivonedare@uol.com.br